

## **Adolescência E Pandemia: Desafios Do Ensino Remoto Durante A Pandemia De Covid-19**

Ana Júlia Oliveira Lima (Universidade Federal de Uberlândia)  
Doutora Marciana Gonçalves Farinha (Universidade Federal de Uberlândia)

### **INTRODUÇÃO**

A pandemia de COVID-19 provocou imensas mudanças no modo de vida do ser humano, e todas as áreas da vida dos sujeitos foram afetadas. O distanciamento social e as medidas de contingenciamento em relação ao vírus fizeram com que a vida ficasse mais limitada a espaços privados, com uma tendência à diminuição da vida social. Possuindo um grande risco para a saúde física, e grande impacto na saúde mental dos sujeitos. Os idosos são os que possuem maior risco de morte, já que a imunidade dessa população é mais baixa, e por isso são mais propensos ao agravamento da doença. Além disso, pessoas com comorbidades, também possuem esse risco.

Embora haja essa questão, o público com grande propensão de impacto emocional negativo nesse contexto são os adolescentes. Por isso, é necessário refletir como esse grupo experiencia esse cenário, levando em consideração que essa fase é marcada por importantes mudanças físicas e psicológicas, como a puberdade e o desenvolvimento de habilidades sociais. Por ser um momento novo e pela falta de pesquisas anteriores, não se sabe como as consequências da pandemia afetaram os adolescentes.

Em razão de seu nível de consciência e reflexão crítica da realidade, entendem a gravidade da pandemia, experienciando concomitantemente a isso, os conflitos e desafios próprios da adolescência. A fase, que é marcada por auto-descoberta, e por isso incerteza e insegurança sobre o futuro, agora é atravessada pela instabilidade que o período pandêmico traz, sendo um fator angustiante para essa população. Os adolescentes desse modo se tornam mais vulneráveis psicologicamente nesse momento (OLIVEIRA et. al., 2020).

Imediatamente após a instauração da pandemia, as instituições de ensino foram as primeiras a serem fechadas. O grande problema enfrentado por elas nesse momento, independente da esfera em que atuavam (pública ou privada), foi a mudança brusca de modalidade de ensino, e por isso muitas tiveram que adotar, emergencialmente, um novo modo de funcionamento (PINTO; MARTINS, 2021; SINGH et al., 2020). É comprovado a importância do espaço escolar para o desenvolvimento social, psicológico e até cognitivo para os escolares (PAPALIA; FELDMAN, 2013), mostrando que o seu fechamento também implica em uma repercussão negativa na vida dos sujeitos, em suas várias áreas, inclusive na saúde mental.

Há de se saber que o governo federal não adotou todas as medidas de contingenciamento recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, a esfera federal deu liberdade para que cada estado organizasse a sua dinâmica de funcionamento. Em Minas Gerais, o estado em que o presente estudo foi realizado, o governo teve seu foco voltado para a manutenção da economia, com medidas que variaram entre a flexibilização e severidade das medidas de distanciamento social e controle do contágio.

Em relação à educação, viu-se que o governo se adequou de forma bastante abrupta ao ensino remoto, sendo essa escolha mal vista pela comunidade escolar (SILVA et al., 2021). Tanto alunos, como principalmente os professores, não tiveram o devido acesso a treinamentos e capacitações para as aulas remotas, sendo “bombardeados” com diversas informações em relação à essa modalidade, principalmente em razão da sua grande necessidade de uso de novos instrumentos, como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

Tais tecnologias não puderam ser acessadas por todos, principalmente aqueles em situação de vulnerabilidade econômica, os mais afetados diante dessas mudanças (SILVA et al., 2021). Muitos alunos e professores tiveram dificuldade em se adequar aos novos modelos de aulas e atividades avaliativas, sendo os alunos afetados fortemente no aspecto da aprendizagem. Aqueles que possuíam acesso a todos os materiais para a realização das

atividades (internet e computador, celular ou notebook), tiveram melhor desempenho quando comparado aos colegas que não tinham esses recursos (SILVA et. al., 2021).

Em razão disso, é necessário entender que todas essas mudanças podem impactar fortemente na saúde emocional e psicológica dos adolescentes, já que a escola também pode ser considerada um fator de proteção em relação aos riscos da saúde mental (SILVA et. al., 2021). O presente estudo busca relatar a percepção de alunos do ensino médio em relação ao momento pandêmico e a adoção do ensino remoto.

## MÉTODO

A coleta de dados foi feita através de um projeto que oferecia intervenções terapêuticas grupais para alunos do ensino médio de uma escola pública mineira. Participaram das intervenções adolescentes de 15 a 18 anos. Tais intervenções eram realizadas via *Google Meet*, com duração média de noventa minutos. O tema de cada intervenção era determinado pelos escolares, sendo realizada algumas intervenções pontuais com temas pré-definidos, pautados nas demandas mais recorrentes dos participantes. Em muitos foram trazidos à tona a relação com a escola na pandemia e a escolha de carreira profissional. Os grupos eram coordenados por alunos de Psicologia de uma universidade mineira, com orientação de uma professora psicóloga. Todos os aspectos éticos foram seguidos para garantir o sigilo e segurança dos participantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos diversos encontros frequentados pelos alunos, os principais relatos em relação à pandemia eram diretamente ligados ao espaço escolar e as dificuldades enfrentadas durante a adaptação ao ensino remoto. Uma das participantes, Carolina, relatou uma dificuldade de lidar com a sua nova rotina durante o contexto pandêmico, perturbando seu processo sono-vigília, e

mostrando dificuldade para acompanhar as atividades e prazos estabelecidos pela escola e professores.

A literatura corrobora com esse dado, mostrando que é natural que, em momentos de grande instabilidade como a pandemia de COVID-19, os jovens tenham dificuldade de reproduzir a mesma rotina de antes (SILVA; ROSA, 2021; SINGH et al., 2020). Também havia um descontentamento em relação à forma de como a comunicação era feita entre alunos e professores. Carolina mesmo disse sentir falta das correções que recebia dos professores no ensino presencial, mostrando a sua insatisfação com a falta de comunicação direta entre professores e alunos, que era feita em sua grande maioria por um aplicativo de mensagens (SILVA et. al., 2021).

Assim, o impacto do distanciamento físico toma outras formas, também afetando a relação aluno-professor. Ademais, foi sentido uma dificuldade em relação à aprendizagem nesse período, onde Nanci, uma aluna do 3º ano, apresentava um descontentamento em relação ao ensino remoto e o desejo de que as aulas fossem realizadas positivamente, mesmo no modo remoto. Segundo ela, o ideal seria que os professores dessem suas aulas de forma síncrona, além dos recursos oferecidos pelo governo estadual.

A sua fala também evidencia a distância emocional entre professores e alunos, quando estes não tinham acesso às reais dificuldades enfrentadas por cada grupo. Tanto Caroline como Nanci também relataram um descontentamento em relação à sua percepção de aprendizagem durante os anos em que tiveram o ensino remoto. Principalmente por estarem no ano final do ensino médio, elas se mostravam bastante preocupadas por se sentirem despreparadas para ingressar no ensino superior, dizendo que achavam não ter aprendido algo relevante durante esse momento.

Por esse motivo, muitos dos relatos relacionados à escola, não só de Nanci e Carolina, também estavam ligados ao desafio da escolha profissional. Assim, adicionado aos desafios de se adequarem a uma nova forma de vida e à transição para a vida adulta, havia a escolha de uma futura profissão vista de forma angustiante pelos jovens. Essa angústia é naturalmente vivida durante essa fase da vida, pois apesar de estarem se aproximando da idade adulta, os

adolescentes podem se sentir despreparados para encarar esses novos desafios e por consequência lidar com um movimento que evidencia a sua autonomia de escolha, como a escolha de uma profissão (ZANELLA; ZANINI, 2013).

Lilienthal (2013) aponta que em razão de entrarem cada vez mais cedo no ambiente acadêmico, depois de algum tempo a escolha pode ser experienciada como insatisfatória pelos adolescentes. Os alunos mais novos também apresentavam essa preocupação, mesmo que estivessem mais longe do fim do ensino médio. Um exemplo disso é Bel, que com apenas 15 anos se mostrava angustiada sobre o que iria escolher como profissão, e um sofrimento por não conseguir estudar e se preparar da forma correta para as avaliações que garantiam o ingresso ao ensino superior. A sua dificuldade de se concentrar era muito trazida aos grupos, sendo reproduzida por seus colegas.

Por isso, é evidente a forma de como há um impacto cognitivo e psicológico da pandemia (FIGUEIREDO et al., 2021), pois em razão do momento, os alunos não conseguiam cumprir com seus planos e atividades. Diante dessas diversas demandas, os coordenadores dos grupos buscavam fazer com que as alunas refletissem sobre os seus sentimentos e a possibilidade de lidar com as consequências de suas escolhas. Essa proposta se mostrou efetiva ao longo dos grupos.

Além disso, a exposição das ideias e reflexões dentro do grupo proporcionava aos alunos o compartilhamento de estratégias de enfrentamento, que eram bem recebidas pelos colegas. Assim, a presença de um espaço terapêutico dentro da escola, mesmo que de modo remoto, foi vista como positiva por eles. Muitos alegavam ter o primeiro contato com a temática da saúde mental somente naquele momento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos relatos, entende-se que é de extrema importância a inclusão de debates sobre saúde mental dentro do espaço escolar, tornando ele um espaço para exercer a psicoeducação com os alunos e a preparação dos professores para lidar com tais demandas.

Ademais, as consequências da pandemia ainda são desconhecidas, e por enquanto não se sabe quais impactos os adolescentes terão em sua vida adulta (OLIVEIRA et. al., 2020). Também foi evidente a falta de investimento das esferas governamentais na preparação e apoio aos alunos e professores na adaptação ao ensino remoto.

Pinto e Martins (2021) apontam que alunos de escolas privadas tiveram melhor acesso e suporte na adaptação ao ensino remoto. Isso se deve principalmente a uma maior preparação dessas instituições para a inclusão das TDIC no currículo pedagógico. Essa diferença faz com que os alunos de escolas públicas sejam prejudicados quando chegam a níveis superiores, ou até mesmo no mercado de trabalho, com uma aprendizagem mais defasada do que a dos outros alunos.

Os alunos participantes da intervenção não conseguiram um aprendizado efetivo, e por isso se sentiam lesados durante esse momento. Vê-se dessa forma, que a política implantada pelo estado mineiro não foi suficiente para suprir as necessidades dos alunos, que já não eram bem atendidas no modelo presencial (CUNHA; SILVA; SILVA, 2021). Levanta-se então o questionamento sobre qual será a política educacional - não só no estado de Minas Gerais, para atender às novas necessidades dos alunos que passaram pelo ensino remoto.

É de extrema importância que os governantes consigam planejar uma maior inclusão das TDIC na educação. Visto o grande uso dessas tecnologias no período pandêmico e as dificuldades enfrentadas por toda a comunidade, entende-se que a inclusão delas no dia-a-dia da escola pode não só melhorar a dinâmica de aprendizagem, como também tornar mais fácil a adaptação em futuros momentos de distanciamento social e a volta do ensino remoto.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7

(3), p. 27-37, 2020. Disponível em:  
<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 01 jun. 2022.

FIGUEIREDO, Camila Saggioro de *et al.* COVID-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors. **Progress in Neuro-Psychopharmacology and Biological Psychiatry**, v. 106, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pnpbp.2020.110171>

LILIENTHAL, Luiz. Elementos para a prática da orientação profissional na abordagem gestáltica. In: ZANELLA, Rosana. (org.). **A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais**. São Paulo: Summus, 2013.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de. de *et al.* A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 8, p. 1 – 14, 2020.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020>.

PINTO, Karla Emanuela Veloso; MARTINS, Ronei Ximenes. A implantação do Ensino Remoto Emergencial em escolas públicas e particulares da Educação Básica: estudo de caso em um município mineiro. **EmRede - Revista De Educação a Distância**, 8(1), 2021. Acesso em: <https://doi.org/10.53628/emrede.v8.1.738>.

SILVA, Patrícia de Oliveira Branquinho; OLIVEIRA, Bruna Carla Rodrigues de; PEREIRA, Flávia Helena. “Não consigo acompanhar as aulas”: ensino remoto em Minas Gerais. **Revista Thema**, v. 20, p. 315-327, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/thema.V20.Especial.2021.315-327.2052>

SILVA, Simone Martins da; ROSA, Adriane Ribeiro. O impacto da covid-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. **Revista Prâxis**, v. 2, p. 189–206, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.2446>

SINGH, Shweta *et al.* Impact of COVID-19 and lockdown on mental health of children and adolescents: A narrative review with recommendations. **Psychiatry Research**, 293, 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113429>

ZANELLA, Rosana.; ZANINI, Maria Estela Benedetti. Atendendo adolescentes na contemporaneidade. *In*: ZANELLA, Rosana. (org.). **A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais**. São Paulo: Summus, 2013.

**Como citar este texto:**

LIMA, Ana J. O.; FARINHA, Marciana G. Adolescência E Pandemia: Desafios Do Ensino Remoto Durante A Pandemia De Covid-19. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 7, 2022, Belo Horizonte. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 1149-1156.